

**NOTULAE TAXINOMICAE, CHOROLOGICAE,
NOMENCLATURALES, BIBLIOGRAPHICAE AUT PHILOLOGICAE
IN OPUS «FLORA IBERICA» INTENDENTES**

**DIPHASIASTRUM COMPLANATUM (L.) HOLUB IN PRESLIA
47:108 (1975), UN LICOPODIO QUE NO FORMA
PARTE DE LA FLORA ESPAÑOLA**

Durante la preparación de la fam. *Lycopodiaceae* para *Flora Iberica* no hemos encontrado material ibérico asignable a esta especie en los Herbarios. Por tanto, la cita que desde los tiempos de Colmeiro se ha venido reiterando carece de fundamento, tal como subrayaba LAÍNZ en 1973 (*An. Soc. Brot.* 39:117-118).

Bajo uno u otro de sus conocidos sinónimos (*Lycopodium complanatum* L., etc.), la especie todavía figuraba como española en el iniciado catálogo de HEYWOOD (1961), en lo que ROTHMALER compiló para el primer volumen de *Flora Europaea* (1964), en el fascículo primero del *Atlas Florae Europaeae* (JALAS & SUOMINEN, eds., 1972), en el avance de SALVO & DIEZ de 1980 (*Trab. Monograf. Dep. Bot.* 1:11, Málaga), en la *Med-Checklist, I* (GREUTER, BURDET & LONG, eds., 1981) y, por último, en la síntesis cartográfica de SALVO & al. (*Acta Bot. Malacitana* 9:107, 1984).

Luis VILLAR, Centro Pirenaico de Biología Experimental, Apartado 64. Jaca (Huesca).

NOTAS SOBRE O GÉNERO ASPLENIUM

***Asplenium marinum* L.**

DÍAZ & SALVO in *Trab. y Monograph. Dep. Málaga* 2:27-52, 1981, aplicando métodos de taxonomía numérica em exemplares de *A. marinum* delimitaram 3 variedades: var. *marinum*, var. *praealtum* Díaz & Salvo e var. *depauperatum* Díaz & Salvo. Consideraram na var. *marinum* a fma. *marinum* e a fma. *incisum* (Christ) Díaz & Salvo e na var. *depauperatum* a fma. *depauperatum* e a fma. *xerophilum* (Merino) Díaz & Salvo.

O estudo que efectuámos sobre espécimes do âmbito da *Flora Iberica* e de algumas ilhas das regiões mediterrânica e macaronésica leva-nos a concluir que a grande variabilidade desta espécie é devida apenas a diferentes condições ecológicas não permitindo uma separação morfológica clara entre as entidades taxonómicas propostas por aqueles dois autores. Saliente-se que exemplares como os que são referidos para os Açores como var. *depauperatum*, plantas de dimensões mais reduzidas se encontram também nas Canárias, Córsega e Baleares cohabitando com formas de frondes de grandes dimensões naquelas mesmas regiões.

***Asplenium billotii* F. W. Schultz**

Tendo tido a oportunidade de consultar a microficha do isótipo de *A. obovatum* Viv. do herbário de Bertoloni que PICHI-SERMOLLI designou como lectótipo in *Webbia*, 30,

(1):36-39, fig. 1, 1976, verificámos que todo o material que estudámos da Península Ibérica relativo a *A. obovatum* aggr., pertence a *A. billotii*. Esta nossa conclusão vem reforçar a opinião já emitida por PINTO DA SILVA (cf. *Agron. Lusit.* 20, 3:217, 1959), ROSETTE FERNANDES (cf. *Bol. Soc. Brot.*, Sér. 2, 34:98-165, 1964), SALVO TIERRA (cf. *Fl. Pterid. Andal.*: 344-348, 1982) e SLEEP (cf. *Acta Bot. Malacitana* 8:11-46, 1983).

O *A. billotii* é um pouco semelhante ao *A. obovatum*, distinguindo-se deste por apresentar pínulas ovadas ou obovado-lanceoladas e acunheadas, as inferiores 3-5 lobadas a penatipartidas e agudamente mucronadas no cimo (dentes quase cuspidados) enquanto que em *A. obovatum* as pínulas são suborbiculares, pouco ou não acunheadas, obtusamente crenuladas, com os recortes muito curtamente mucronados. Além disso, o apice do limbo e o da maior parte das pinas é agudo em *A. billotii* e não arredondado como em *A. obovatum*.

A distribuição geográfica de *A. billotii* é marcadamente atlântica e subatlântica, estendendo-se para o norte da Europa até à parte ocidental das ilhas Britânicas, França Ocidental, ilhas Channel, Açores, Madeira e Canárias. No Mediterrâneo ocidental atinge a Córsega e a Sardenha. *A. obovatum* tem segundo SLEEP (1983) uma distribuição disjunta na região mediterrânica ocorrendo frequentemente nas ilhas, sul da França, Itália, nunca aparecendo em zonas calcáreas, mas sim em rochas antigas siliciosas.

Asplenium adiantum-nigrum L.

Segundo SLEEP (1983), *A. cuneifolium* Viv. é uma planta delicada, finamente dividida, com as frondes abertas ou largamente triangulares, sempre tripinadas. As pinas e pínulas são distintamente pecioladas. A forma das pínulas é variável: longas e estreitas, mas frequentemente romboidais lembrando as de *A. ruta-muraria*. O que verificamos pela consulta da microficha do lectótipo de *A. cuneifolium* do herbário de Bertoloni e que PICHI-SERMOLLI publicou in *Webbia* 30 (1):39-41, figura 2, 1976. As margens das pínulas são côncavas na base, mas o caracter flabeliforme destas não é constante. Na margem e no vértice as pínulas são franjadas com numerosos dentes muito pequenos ou fimbriadas e as venas estendem-se até aos vértices dos dentes.

No *A. adiantum-nigrum* os dentes são mais grossos e as venas acabam geralmente na base dos dentes nunca chegando ao vértice. Nas formas serpenticolas as pinas e as pínulas assemelham-se às do *A. cuneifolium*, podendo apresentar margens irregularmente franjadas, terminando num vértice obtusamente arredondado e com os dentes e venas semelhantes às das formas típicas de *A. adiantum-nigrum*.

Pelo nosso estudo chegámos à conclusão de que *A. cuneifolium* não existe na Península Ibérica. Os espécimes herborizados em Portugal e indicados por PINTO DA SILVA (*Agron. Lusit.* 30: 175-364, 1970) para Vinhais, Macedo de Cavaleiros, Bragança e Mogadouro, bem como os citados por RIVAS MARTÍNEZ, IRANZO & SALVO (*Coll. Bot.* 13, 1:91-93, 1982) para o noroeste de Espanha (Cedeira, Moenche y Castropol), sul de Espanha e Serra Nevada corresponderão ao ecótipo serpentinícola de *A. adiantum-nigrum*.

As formas serpenticolas que observamos apresentam uma variação semelhante à das formas da Escócia que foram estudadas citotaxonomicamente por ROBERTS e STIRLING (*Fern Gaz.* 11, 1:8-9, fig. 1-2, 1974) e que SLEEP (*Fern Gaz.* 12: 103-106, 1980) verificou ser o ecótipo de *A. adiantum-nigrum* e que corresponde à var. *corunnense* Merino.

Segundo SALVO TIERRA (in litt.) o híbrido triploide encontrado por Reichstein (GREUTER in *Willdenowia* 10: 17, 1980) em Espanha (Sierra Bermeja), tem por pais *A. onopteris* e *A. adiantum-nigrum* var. *corunnense*.

José ORMONDE & Isabel NOGUEIRA, Inst. Botânico Dr. Júlio Henriques, 3049 Coimbra, Portugal.

MÁS, EN TORNO A LA SOLUCIÓN DE ALGUNOS ENIGMAS COROLÓGICOS

Estando ya en prensa nuestra nota «*Calcita macrocarpa* —a new locality in Spain»— (*Fern Gaz.* 12:299-301) tuvimos conocimiento de lo que dicen A. FERNANDES & M. QUEIRÓS, en el fascículo I de la *Iconographia selecta florum azoricae*, páginas 73-74, acerca de la presencia de la notable reliquia peninsular en las cercanías de Oporto.

Uno de nosotros (CRFJ) había hecho entretanto declaraciones de algún valor, incidentales (cf., v. gr., *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 55:198), a propósito de pteridófitos cierta o verosíblemente introducidos en Portugal. En el caso de la Serra das Póvoas (pr. Valongo), se impone insistir en que a *Calcita macrocarpa* K. Presl, *Dicksonia antarctica* Labill., *Lycopodiella cernua* (L.) Pichi Sermolli, *Polystichum setiferum* (Forssk.) Woynar «var. *acutilobo-proliferum* Wollaston» y *Vandenboschia speciosa* (Willd.) Kunkel se añade allí la presencia —en aquellos «fojos» de las minas de oro romanas— de la monstruosidad jardineril *Dryopteris affinis* (Lowe) Fraser-Jenkins subsp. *affinis* f. *valongensis* Rezende-Pinto ex Fraser-Jenkins, *stat. et nom. nov.* (syn. *D. resendeana* Rezende-Pinto, *Portugaliae Acta Biol.*, sér. B., Sist., 9:320-321, 1969). Pueden verse además en ese trabajo, «*Dryopteris* in Spain, Portugal and Macaronesia», citados o expuestos, la mayoría de los precedentes —de interés positivo— en el asunto del status que aquí se propone y en el que ahora de veras nos ocupa. También podrá verse PIRES DE LIMA, A. & M. C. DE RESENDE-PINTO, As Pteridófitas da região de Valongo. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 19:471-482 (1945), y FRANCO, J. do Amaral & M. L. da Rocha AFONSO, *Distribuição de Pteridófitos e Gimnospermicas em Portugal* (Lisboa, 1982).

Claro es que no damos nunca por imposible que una «reliquia macaronésica» exista o haya existido, con pleno carácter autóctono, en país cuya situación geográfica lo haría razonable; pero no es la posibilidad, sino la realidad, lo que se juzga. ¡Ojalá puedan llegar siempre los colegas portugueses al establecimiento de la misma! Paiva, que ha visitado la Serra das Póvoas, nos dice (comm. verb. a ML) que no está muy convencido por lo que se refiere al parecer del eminente profesor A. Fernandes aquí señalado en el primer párrafo —contrario en principio al que ya en 1943 emitía Palhinha— y se promete hacernos ulterior luz en tales cuestiones.

Christopher R. FRASER-JENKINS, 26 Regent Street, Oxford (U. K.) & Manuel LAÍNIZ, S. J., Apartado 425, Gijón (Asturias).

¿NYMPHAEA CANDIDA K. PRESL EN ESPAÑA?

Para la preparación de la *Flora Iberica* se ha revisado el material del género *Nymphaea* L. a la luz de diferentes obras, entre las que destacaremos la de R. NEUHÄUSL & P. TOMŠOVIĆ (*Preslia* 29:225-249, 1957). Durante la revisión hemos estudiado el pliego MA 38398 recolectado en lagunas de El Tobar (Cuenca) y determinado como *N. candida* K. Presl por CABALLERO, quien comenta —*Anales Jard. Bot. Madrid* 6(2): 528, 1946— que es abundantísima en las dos lagunas de la mencionada localidad, añadiendo que es nueva para la Península Ibérica. El pliego que comentamos fue revisado posteriormente (1959) por Neuhäusl y Tomšović y dado como *N. alba* (L.) K. Presl, identificación con la que coincidimos plenamente. También estudiamos el pliego MAF 75959 que, recogido el 4 de septiembre de 1966 por Rivas Goday y Borja, igualmente en las lagunas de El Tobar, figura como *N. candida*: se trata sin duda alguna de *N. alba*, como en el caso anterior.

Así, aunque han sido numerosos los herbarios y el material estudiados, no hemos encontrado ningún pliego que incluyera material español o portugués referible a *N.*

candida, por lo que, en el estado actual de conocimientos, debe ser considerada como especie no ibérica.

José SÁNCHEZ SÁNCHEZ, Departamento de Botánica, Facultad de Biología, Universidad de Salamanca, Salamanca.

NIGELLA ARVENSIS L. ESPECIE NO IBÉRICA

Hemos tenido la oportunidad de revisar abundantes materiales de *Nigella* entre los que no hemos encontrado ninguno de ciudadanía española ni portuguesa referible a la especie linneana *N. arvensis*. No negamos taxativamente su presencia en la Península, pero sí creemos que es altamente improbable y, en cualquier caso, la planta sería rarísima. Algo en este sentido nos adelantó PAU (*Not. Bot. Fl. Esp.* 3:10, 1889) al señalar que la mayoría de las citas que WILLKOMM (in WILLKOMM & LANGE, *Prodr. Fl. Hisp.* 3:964, 1880) recoge para la *N. arvensis* L. corresponden en realidad a la *N. divaricata* sensu Willk., non Beaupré (= *N. gallica* Jordan); hacía Pau referencia en concreto a material recogido por Ruiz Casaviella en Navarra y señalado como *N. arvensis*, cuando se trataría en realidad de *N. gallica*. Efectivamente, una vez estudiado dicho material, (Navarra: Caparros, región del olivo, *Ruiz Casaviella*, VIII-1876, MA 38724) se impone compartir la opinión de Pau.

Pensamos, pues, que en la Península se ha confundido repetidamente *N. arvensis* con *N. gallica*, debido quizás a la interpretación errónea que hizo WILLKOMM (*l.c.*) del taxon de Beaupré.

Francisco AMICH GARCÍA, Departamento de Botánica, Facultad de Biología, Salamanca.

NOTA SOBRE AQUILEGIA VULGARIS L., s.l., EN LA PENÍNSULA IBÉRICA

En la Península Ibérica se pueden reconocer dos grupos de táxones en el seno del género *Aquilegia*: uno de estaminodios obtusos (*A. vulgaris* L., *A. nevadensis* Boiss. & Reuter, *A. dichroa* Freyn, *A. paui* Font Quer y *A. vulgaris* subsp. *hispanica* [Willk.] Heywood) y otro con estaminodios agudos (*A. pyrenaica* DC., s.l., y *A. viscosa* Gouan).

En el grupo de las *Aquilegia* de estaminodios obtusos, los caracteres utilizados como diferenciales por J. CULLEN & V. H. HEYWOOD (*Fl. Europ.* 1:238, 1964) —tipo de pubescencia de folíolos y fóliculos, dimensiones y forma de los limbos de los pétalos y sépalos, forma de las hojas, y color del limbo de los pétalos— no resultan discriminantes en aquellos territorios donde las áreas de los táxones se superponen. Por ello no parece aconsejable mantener como autónomas las presuntas especies del grupo y es necesario subordinarlas, con rango subespecífico, a una más amplia *Aquilegia vulgaris*; criterio ya seguido o sugerido por varios autores en el tratamiento taxonómico de algunos grupos (V. H. HEYWOOD, *Feddes Repert.* 64:44, 1961; M. LAÍNZ, *Aport. Fl. Gallega* VI: 3, 1968; O. DE BOLOS & J. WAGO, *Bull. Inst. Catalana Hist. Nat.* 38 [Sec. Bot. 1]:65, 1974).

En resumen el grupo *Aquilegia vulgaris* quedaría estructurado de la siguiente manera para la Península Ibérica:

Aquilegia vulgaris L., Sp. Pl. 533 (1753) subsp. *vulgaris*. Distribuida fundamentalmente por la mitad norte de la Península.

Aquilegia vulgaris L. subsp. **nevadensis** (Boiss. & Reuter) T. E. Díaz, **comb. et stat. nov.** ≡ *A. nevadensis* Boiss. & Reuter, Ann. Sci. Nat. ser. 4, 2:380 (1854) Endemismo de las sierras béticas.

Aquilegia vulgaris L. subsp. **dichroa** (Freyn) T. E. Díaz, **comb. et stat. nov.** ≡ *A. dichroa* Freyn, Flora (Regensb.) 63:26 (1880) Endemismo del cuadrante noroccidental ibérico.

Aquilegia vulgaris L. subsp. **hispanica** (Willk.) Heywood, *l.c.* 1961. Endemismo del centro y este peninsular.

Aquilegia vulgaris L. subsp. **pau** (Font Quer) O. de Bolòs & J. Vigo, *l.c.* 1974. Endemismo del nordeste peninsular.

Tomás Emilio DÍAZ GONZÁLEZ, Departamento de Botánica, Facultad de Biología, Universidad de León.

A PROPÓSITO DE LOS GÉNEROS *ACONITUM* L. Y *CONSOLIDA* (DC.) S. F. GRAY EN LA PENÍNSULA IBÉRICA

ACONITUM L.

A. vulparia Reichb. ex Spreng., Syst. Nat. 2:620 (1825), *s.l.*

Seguimos para este taxon, en lo nomenclatural, a TAMURA & LAUENER (1979:459), mientras no se tipifique de forma adecuada *A. lycoctonum* L., considerado *nom. ambig.* ya por TUTIN (1964:212), con pocas posibilidades de que no sea diverso de *A. vulparia*. *A. pyrenaicum* L. es también algo muy distinto del taxon que nos ocupa y, en caso de no ser aceptada la proposición de que se lo considere *nomen rejiciendum*, hecha por TAMURA & LAUENER (*l.c.*: 447), sería el nombre correcto para *A. barbatum* Pers. (= *A. squarrosum* DC.) de Siberia. Otro nombre que aún podría ser prioritario, *A. altissimum* Miller (WARNCKE, 1964:30; TAMURA & LAUENER, *l.c.*), no puede usarse en tanto no se localice algún material de aquel en que se basó la descripción un tanto ambigua de Miller.

La opinión acerca del status que parecería más adecuado para los táxones próximos *A. lamarckii* Reichenb. ex Spreng., *A. platanifolium* Deg. & Gáyer y *A. ranunculifolium* Reichenb. es muy distinta según los diversos autores. TUTIN (*l.c.*) atribuye a *A. vulparia* y *A. lamarckii* el status específico, asimila *A. ranunculifolium* a este último y sitúa a *A. platanifolium* como un taxon intermedio entre ambas especies. WARNCKE (*l.c.*) separa *A. lycoctonum* L. em. Koelle subsp. *lycoctonum* (= *A. vulparia* Reichenb. ex Spreng., *s. str.*), de distribución centroeuropea, del más meridional *A. lycoctonum* subsp. *ranunculifolium* (Reichenb.) Schinz & Keller, quedando *A. lamarckii* incluido como mero sinónimo de éste último, y *A. platanifolium*, al igual que en Tutin, como una forma de tránsito entre ambas entidades. HESS, LANDOLT & HIRZEL (1970, 2:18) reconocen, dentro del grupo, las especies: *A. vulparia*, *A. ranunculifolium* (en el que incluyen *A. lamarckii*), *A. platanifolium* y *A. penninum* (Ser.) Gáyer, este último taxon fácilmente separable por su indumento glanduloso. Por último, TAMURA & LAUENER (*l.c.*) admiten un amplio *A. vulparia* al que sinonimizan *A. lamarckii* y proponen a *A. ranunculifolium* como estirpe dependiente, diferenciable por sus hojas muy divididas.

Dada la dificultad de encontrar caracteres morfológicos plenamente válidos y claramente diferenciales entre las estirpes mencionadas (la forma de las hojas puede ser uno de estos pocos caracteres) y el hecho irrefutable de que aparecen algunas formas de tránsito difícilmente atribuibles a uno u otro taxon, nuestra opinión se inclina en el sentido de reconocer una especie amplia, *A. vulparia*, a la que supeditamos los restantes táxones, con estatus subespecífico:

subsp. **vulparia** (*A. vulparia* Reichenb. ex Spreng., *s. str.*)

= (incl.) *A. platanifolium* Deg. & Gáyer in Mag. Bot. Lap. 6:118 (1907)
= *A. lycocotum* auct.

A este taxon centroeuropeo, no indicado por TUTIN (*l.c.*) ni WARNCKE (*l.c.*) en la Península Ibérica, atribuimos el pliego procedente del Pirineo centro-occidental: NAVARRA, Ansó, Peña Ezcaurri, corraliza ca. collado, 30T XN7646, 1620 m, 5-VIII-1967, P. Montserrat, JACA 3448. El material es próximo, por sus rasgos foliares, a lo que los autores suizos denominan *A. platanifolium*.

subsp. **neapolitanum** (Ten.) Muñoz Garmendia in J. Molero & C. Blanché, **comb. nov.**

≡ *A. neapolitanum* Ten., Fl. Neap. 4:327 (1830). ≡ *A. lycocotum* subsp. *neapolitanum* (Ten.) Nyman, Consp. Fl. Eur.: 19 (1878).
= *A. lamarckii* Reichenb. ex Spreng., Syst. Veg. 2:620 (1825).
- *A. pyrenaicum* auct., non L.

Ampliamente representado en la mitad septentrional de España y Sierra Nevada.

subsp. **ranunculifolium** (Reichenb.) Láinz, Aport. Fl. Gallega VI:3 (1968)

≡ *A. ranunculifolium* Reichenb., Icon. Fl. Germ. 4:2, t. 81 f. 4681 b (1840).

A pesar de la opinión de WARNCKE (*l.c.*), TAMURA & LAUENER (*l.c.*: 455) consideran *A. ranunculifolium* especie distinta de *A. vulparia* (incl. *A. lamarckii*). Lo separan por sus hojas mucho más divididas y lacinias más estrechas y puntiagudas y establecen su repartición geográfica por el sur de Europa (Austria, Bulgaria, Italia y Francia), incluyendo los Pirineos Orientales franceses.

Gracias a la amabilidad del doctor Lauener hemos podido disponer de muestras representativas de este taxon procedentes del Real Jardín Botánico de Edimburgo (E); entre otras, material locotípico de los Alpes y de los Pirineos Orientales. Tras estudiar comparativamente el material ibérico concluimos que este taxon, aunque raro, se encuentra ampliamente representado en la Península Ibérica (Pirineo oriental, Montes Cántabros, Sistema Central y montañas boreo-occidentales).

A. burnatii Gáyer, Mag. Bot. Lap. 8:141 (1909)

= *A. nevadense* Uechtr. ex Gáyer, Mag. Bot. Lap. 8:180 (1909)

Coincidimos con SEITZ (1969:58s), en que no hay diferencias ostensibles entre la entidad de los Alpes y la de Sierra Nevada. El acónito azul de Sierra Nevada debe llevar —debido a la selección de nombre hecha por SEITZ (*l.c.*)— el binomen de Gáyer.

Especial interés corológico merece el hallazgo de esta estirpe en el Pirineo central, en concreto en la localidad jacetana de Peña Oroel, única cita pirenaica de la especie. El material representativo se conserva en los herbarios BCF y JACA. En este último, determinado correctamente por P. Montserrat como *A. nevadense*. Localidades: Jaca, Peña Oroel, VII-1947, M. Losa (BCF 7619, 7614); ídem, Faixa Paco, 30T YN0210, 1630 m, 1-IX-1970, P. Montserrat (JACA 6545); ídem, bajo la cruz, al pie del cantil, 30T YN0210, 1450 m, 23-VIII-1974, P. Montserrat (JACA 6198).

A. napellus L., Sp. Pl.: 532 (1753)

La lectotipificación de la especie *A. napellus* L. realizada por Sell sobre el pliego del *Hortus Siccus Cliffortianus* (BM) etiquetado: «*Aconitum caeruleum sive napellus* 1» es contestada y rechazada en último término por SKALICKÝ (1982:117), que la considera errónea. Argumenta este autor que la planta escogida por Sell es de procedencia

inglesa (= *A. anglicum* Stapf), lo que estaría en contradicción con la procedencia geográfica que se menciona en el protólogo del Sp. Pl.: «Habitat in Helvetia, Bavaria et Gallia». Tras prolijo estudio, muy documentado, concluye neotipificando la especie sobre el binomen *A. compactum* (Reichenb.) Gáyer (= *A. napellus* L. var *compactum* Reichenb., Ill. Aconit.: t. 2, f. 1, 1823), cuya ilustración constituiría el tipo.

El argumento empleado por Skalický nos parece, cuando menos, insuficiente. Es conocida la forma en que Linneo atribuía las localidades a las especies de sus protólogos. Aunque la descripción correspondía en ocasiones a plantas cultivadas, muchas veces de origen desconocido, las localidades proceden a menudo de fuentes bibliográficas y corresponden por tanto a material no estudiado por Linneo. En muchas de las especies de Linneo, no hay garantía de que los tipos procedan de las localidades citadas en el protólogo. Si se trata de reparar estas inexactitudes, deberán cuestionarse muchos de los tipos y nombres ya aceptados y de uso común en la literatura.

En coherencia con esta postura, aceptamos como tipo de la especie la propuesta por Sell (*A. anglicum* Stapf), siguiendo al tratadista del grupo SEITZ (1969).

subsp. **lusitanicum** Rouy, Naturaliste, 6(51):405 (1884)

= *A. neomontanum* Wulfen in Koelle, Spic. Aconit.: 16 (1788). ≡ *A. napellus* subsp. *neomontanum* (Wulfen) Gáyer in Hegi, Fl. Mitteleur. 3:499 (1912).

Sin duda la creación de Rouy es prioritaria sobre la combinación de Gáyer, basada en el binomen de Wulfen, dato éste que pasó inadvertido al tratadista SEITZ (1969:25).

subsp. **castellanum** J. Molero & C. Blanché, **subsp. nova**

Iuxta subsp. lusitanicum Rouy statuendum, a qua laciniis foliorum latioribus —(3)4-6 mm latis—, acutis vel subobtusis; bracteolis maioribus —(4)5-8 mm longis—, lanceolatis vel subspathulatis, a flore 8-15 mm distantibus, calcare denique nectarifero prorsus uncinato satis superque diferre videtur.

CUENCA: Laguna del Marquesado, 30S XK1349, loco humido umbratoque —in populeto—, ad 1400 m. J. Molero & A. Rovira die 20-VIII-1983 legerunt (BCF 71554: holotypus).

Planta robusta, de 0,50-1,80 m; glabra o glabrescente en el tallo y hojas, pubescente en la inflorescencia, con pelos simples, curvos, eglandulares; hojas con el lóbulo central del segmento medio dividido hasta c. 2/3 de su longitud; laciniás lanceolado-lineares, de (3) 4-6 mm de anchura, con el ápice agudo o subobtusos; inflorescencia ramificada, más raramente subsimple; bractéolas de lanceoladas a lanceolado-espátuladas, de (4) 5-8 mm, insertas a 8-15 mm de la base de la flor; casco hemisférico-falciforme, 18-22 × 10-13 mm; nectario con el limbo fuertemente curvado, inserto casi perpendicularmente en su 1/2-1/3 anterior sobre el filamento poco curvado; espolón nectarífero fuertemente curvado en gancho; folículos 3-5, glabros, de hasta 22 mm; semillas obpiramidales, de c. 4 mm, aladas en los ángulos y con las caras lisas.

Otros materiales que pueden asimilarse el taxon aquí descrito proceden de Madrid (Montejo de la Sierra, MAF 69527) y Salamanca (Linares de Riofrío: Las Honfrías, SALA 12287).

A. paniculatum Lam., Fl. Fr. 3:646 (1778)

Esta especie no está presente en la Península Ibérica, en contra de lo que afirma TUTIN en *Fl. Europ.* (1964:211), tal vez sugestionado por su inclusión en el «Prodromus» de WILKOMM & LANGE (1880:974). A idéntica conclusión ya llegó GÖTZ (1967:28).

CONSOLIDA (DC.) S. F. Gray

C. regalis S. F. Gray, Nat. Arr. Brit. Pl. 2:711 (1821)
subsp. **regalis**.

Tras las averiguaciones pertinentes, parece que esta planta no estaría representada, de forma espontánea, en la Península Ibérica. WILLKOMM & LANGE (1880:968), recogen las antiguas indicaciones de Colmeiro, Lapeyrouse, Paláu, Boutelou, Cutanda y Clemente para localidades de «Hispaniae orientalis et centralis». COUTINHO (1939:287) la cita del sur de Portugal: Alentejo y Algarve. A. O. CHATER (1964:217), tal vez influenciado por los autores mencionados, no la omite de España y la recoge, con duda, para Portugal. Por nuestra parte, tras consultar el abundante material ibérico de los distintos herbarios, concluimos que nada hemos visto que pueda atribuirse a esta especie. FRANCO (1971:167) dice que se cultiva en algunos jardines de Portugal y que a veces se la encuentra subespontánea. Desconocemos si ocurre lo mismo en España.

C. orientalis (Gay) Schrödinger, Abhand. Zool.-Bot. Ges. Wien 4(5):25 (1909)
subsp. **orientalis**

= *Delphinium hispanicum* Willk. ex Costa, Anales Soc. Esp. Hist. Nat. 2:26 (1873). ≡ *C. orientalis* (Gay) Schrödinger subsp. *hispanica* (Costa) Lainz, Bol. Inst. Estud. Astur. 7:47 (1963).

= *Delphinium hispanicum* var. *longibracteatum* Pau, Notas Botánicas a la Flora Española (Madrid), 4:12 (1891).

El principal carácter diferencial del *Delphinium hispanicum*, la longitud de la bráctea más corta que el pedúnculo floral, se presenta harto aleatorio en las poblaciones ibéricas. PAU (*l.c.*) describió su var. *longibracteatum*, que vendría a corresponder a la típica *C. orientalis* de la misma «terra classica» de la planta de Willkomm. Hemos visto pliegos con ejemplares donde coinciden brácteas más cortas o tan largas como el pedúnculo floral. Creemos que este taxon no merece conservarse ni siquiera al nivel varietal.

En el aspecto corológico, indiquemos que esta especie no se presenta de forma espontánea en Portugal. COUTINHO (1939:287) señala el *D. orientale* var. *hispanicum* de «Beira transmontana (Guarda)», basándose, probablemente, en el pliego que se conserva en el herbario COI: «Guarda, VIII-1881, *Batalha Reis*». Dicho pliego debe llevarse, sin duda, a *C. ajacis* (L.) Schur. En cuanto a la var. *grandiflorum*, que se menciona de Portalegre, por la descripción que se acompaña: «Corola majúscula, azul, com o esporao muito curvo», creemos que debe tratarse de la misma *C. ajacis*.

C. mauritanica (Coss.) Munz, Journ. Arn. Arb. 48:48 (1967)

≡ *D. mauritanicum* Coss., Bull. Soc. Bot. Fr. 27:68 (1880).

= *D. loscosii* var. *brevirostratum* Pau, Bol. Soc. Ibér. Ci. Nat. 12(1):89 (1919).

LECTOTYPUS: Ciempozuelos, in campis Nova Castilla, 15-VIII-1897, *C. Pau* (MA 38980), designado aquí ≡ *D. pubescens* var. *brevirostratum* (Pau) Pau, Bol. Soc. Ibér. Ci. Nat. 22:91 (1923) ≡ *D. mauritanicum* fma. *brevirostratum* (Pau) Pau, Cavanillesia 7(1-5):29 (1935).

En 1919, C. Pau describió de Ciempozuelos (Madrid) el *D. loscosii* var. *brevirostratum*; en 1922 asimiló su variedad al *D. mauritanicum*, citándolo entonces como nuevo para la flora europea. Doce años más tarde, en 1935, la supedita al *D. mauritanicum* con categoría de forma. Todas esas aportaciones parece que pasaron inadvertidas a A. O.

CHATER en *Fl. Europ.* (1964:216), que no incluye *C. mauritanica* como planta europea, a pesar de ser un taxon ampliamente representado en la Península Ibérica.

A grandes rasgos, *C. mauritanica* se separa de *C. pubescens* por sus flores de mayor longitud (20-25 mm), de largo espolón (17-22 mm) y breve rostro, con el lóbulo medio, bifido, del nectario, muy corto (0,8-1 mm). Las formas ibéricas son, por lo general, de porte más grácil, paucifloras y con el folículo no siempre engrosado en la sutura ventral, a diferencia de las norteafricanas, robustas, multifloras, muy pubescente-glandulosas y con la sutura ventral del folículo muy engrosada, tal como se constata en la descripción y dibujo de MAIRE (1964:59-61, fig. 27). Sin embargo, las formas intermedias abundan y hemos hallado pliegos procedentes de Marruecos y Argelia en todo idénticos a las formas de Valladolid o Granada. Así los exsiccata de Jahandiez, n.º 717: Haute-Malouya, Zaraix, escailles volcaniques, 1880 m (BC). O el pliego de Argelia: Moissons et cultures des environs d'Oran, IV-1907, *Debeaux & Gandoger*, BC 1892). No parece, entonces, conveniente el reconocimiento taxonómico de estas pequeñas diferencias, lógicamente imputables a factores ecológicos.

El proceso de diferenciación de esta estirpe con respecto a *C. pubescens* parece haber seguido un camino análogo al que presenta el complejo *Delphinium halteratum-D. gracile*. Así, tal como ocurre en *D. gracile*, el porte de *C. mauritanica* se ha hecho más grácil, las hojas más estrechas y pequeñas y la flor, más esbelta, se ha estirado, reduciendo el rostro y alargando el espolón. También el color parece ser de un tono más pálido. Desconocemos los factores responsables de esta diferenciación pero evidentemente la latitud (y su influencia en el clima general) no es ajena al proceso. También en la distribución geográfica se presentan notables analogías, aunque las áreas en la Península Ibérica del complejo *D. halteratum-D. gracile* son más extensas que las correspondientes a *C. pubescens-C. mauritanica* (fig. 1). En la repartición de este último complejo, *C. pubescens* ocupa el extremo nordoriental: Cataluña, Aragón, Valencia, Navarra, llegando hacia el sur hasta Madrid. *C. mauritanica* ocupa un área más meridional y central: parte de Andalucía oriental, Murcia, Castilla y Teruel. En Aragón y Madrid hay superposición de áreas. Curiosamente, y a diferencia de lo que ocurre con *D. gracile*, *C. mauritanica* no aparece en Andalucía occidental.

LOCALIDADES ESTUDIADAS.—ALBACETE: Chinchilla, in *collibus aridissimis*, 1-VII-1934, *C. Pau & E. Moroder*, MA 38986, MA 38987. BURGOS: San Pedro, prope Gumiel de Hizán, 14-VIII-1919, *Martín*, BC 107185. CIUDAD REAL: Ruidera, alrededor de las lagunas, VII-1965, *Borja, Ladero & López*, MAF 68023; Villahermosa, 9-VII-1954, *A. Rodríguez*, MA 165275. CUENCA: El Tobar, 16-IX-1947, *Caballero*, MA 39009; Pinares de Bética, prope Puente de Vadillos (Cañizares), 9-VII-1932, *A. Caballero*, MA 39010; Campillos-Sierra, 19-VII-1974, *Ginés López*, MA 237807. GRANADA: Huélagu, 10-VI-1921, *Gros*, MA 38901; Sierra de Guillimona, pr. la Vidriera, 1600 m, 2-VIII-1977, *Leal, Ortiz & Pueche*, MA 231148; Puebla de Don Fadrique, barranco de Escolástico, 3-VII-1979, *Canon, Crane, Jury & Moore*, SEV 55751, MA 231149. JAÉN: Sierra de Segura, Santiago de la Espada, 1250 m, matorral abierto, 8-VII-1979, *Canon, Crane, Jury & Moore*, SEV 53824. MADRID: Ciempozuelos, in *campis Novae Castellae*, 15-VII-1897, *C. Pau*, MA 38980; Cerros de Ciempozuelos, 15-VII-1854, *E. Bourgeau*, G.; Villaverde, in *siccis gypsaceis*, 1918, *C. Vicioso*, MA 38982, 38984. MURCIA: Cerca de Alcaraz, 30-VI-1923, *Cuatrecasas*, BC 1890. SALAMANCA: Almenara de Tormes, 24-VI-1976, *J. Sánchez*, SALA 18084. SEGOVIA: Cuéllar, Santuario del Henar, 30-VII-1975, *M. Ladero*, MAF 94549. SORIA: Almazán, sembrados, VII-1964, *J. Borja*, MAF 66822, 66823; Torluenga, in *arvis*, 850 m, 2-IX-1972, *A. Segura Zubizarreta*, G. TERUEL: Monreal del Campo, VI-1895, *Benedicto*, BC 1880. VALLADOLID: Cuesta de la Maruquesa, VI-?, s. rec., MAF 47065; Olmedo, sin fecha, *D. Gutiérrez*, MA 38985; Quintanilla de Trigueros, Fincas de Casas Nuevas, VI-1962, *G. Cruz*, MA 191238. ZAMORA: Corrales del Vino, 16-VIII-1952, *Casaseca*, G. ZARAGOZA: Villarroya, 9-VII-1897, *L. Bernal*, MA 38988.

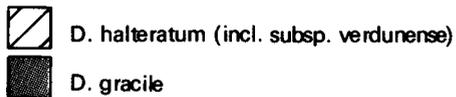
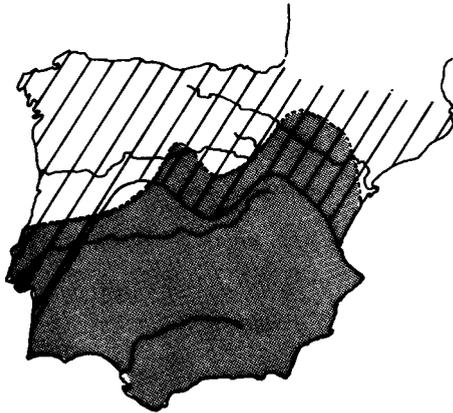
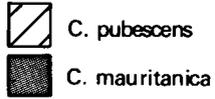
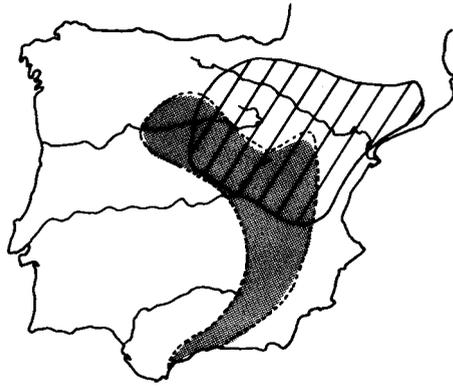


Fig. 1.—Área de distribución en la Península Ibérica. Límites aproximados. a) *C. pubescens* y *C. mauritanica*. b) *D. halteratum* (incl. subsp. *verdunense*) y *D. gracile*.

- Consolida ajacis** (L.) Schur, Verh. Mitth. Siebenbürg. Vereins Naturwiss. Hermannstadt 4:47 (1853)
 = *Delphinium ajacis* L., Sp. Pl.: 531 (1753); Gay in Des Moulins & Durieu, Cat. Rais. Pl. Dordogne: 12 (1840).
 = *Consolida gayana* (Wilmott) Lainz, Anales Inst. Forest. Invest. 12:6 (1967). = *Delphinium gayanum* Wilmott, J. Bot. 62:26 (1924).
 - *Consolida ambigua* sensu P. W. Ball & Heywood in Fl. Europ. 1:217 (1964), non *D. ambiguum* L.

La discusión sobre la identidad y el nombre correcto que se debe emplear para el taxon que la mayoría de autores europeos ha denominado *D. ajacis*, ya fue planteada por WILMOTT (*l.c.*) con ocasión de la crítica a la obra de SCHINZ & THELLUNG (1923): «*Flora der Schweiz*». Dice el autor en uno de sus párrafos: «The name *D. ajacis* is used in the usual sense, but Linnaeus's plants, and references all indicate *D. orientale*...». Debe suponerse que el autor observó algunos materiales de los herbarios de Linneo (posiblemente los del *Hortus Siccus Cliffortianus*) a los que identificó correctamente con el *D. orientale* Gay. Según Wilmott, el nombre de Linneo *D. ajacis* debe aplicarse al taxon conocido de forma tradicional como *D. orientale* Gay. Para *D. ajacis* auct., propone un nombre nuevo, *D. gayanum* Wilmott, apoyándose en *D. ajacis* Gay non L. El autor se lamenta, en este mismo trabajo, de las complicaciones que este tipo de solución comporta.

La solución propuesta por BALL & HEYWOOD (1962:151) al denominar la planta en cuestión *Consolida ambigua* (L.) Ball & Heywood (= *D. ambiguum* L.), ya fue contestada en su día por JANCHEN (1965:34). Argumenta este autor que no puede referirse el *D. ajacis* L., europeo de origen y claramente monocarpelar, a un *D. ambiguum* que el mismo Linneo, en su protólogo, diagnostica diciendo «... capsulis ternis...» y localiza con la indicación «Habitat in Mauritania».

El nombre *D. ajacis* L. se ha venido usando tradicionalmente en un nutrido grupo de monografías y floras (HUTH, 1895; WILLKOMM & LANGE, 1880; ASCHERSON & GRAEBNER, 1917; SOÓ (1922); MAIRE, 1964, etc.) para un taxon bien definido y claramente diferenciado del *D. orientale* Gay (= *Consolida orientalis* (Gay) Schrödinger], otro nombre igualmente bien conocido y arraigado en el uso. Parece lo más sensato tratar de conservar ambos nombres, manteniéndoles en el uso históricamente adquirido. Esta actitud es, sin duda, la menos traumática y, a nuestro entender, perfectamente defendible: es posible designar un ejemplar tipo que fije correctamente el nombre *D. ajacis* L. y que esté, además, conforme con la idea tradicional y actual del taxon.

LECTOTIPIFICACIÓN DE *Delphinium ajacis* L.: En el herbario de Burser (UPS) existe un pliego, el VII (1). 83 (IDC), cuya etiqueta especifica: «*Consolida regalis hortensis, flore / majore et simplici* Bauh. / gross blauer Rittersporn / in hortis Misniae. *Daniae* || 83». El texto corresponde al primer sinónimo citado por Linneo, de Bauhin: «*Consolida regalis hortensis, flore majore & simplici*. Bauh. pin. 142». Los dos ejemplares que se incluyen en el pliego presentan flores azules de largo espolón, con piezas laterales subromboidales o elípticas. No contradicen la frase-diagnósis linneana: «*Delphinium nectariis monophyllis, caule simplici*». Designamos como *lectotypus* el ejemplar de la izquierda del pliego, cubierto en su parte media por la etiqueta.

AGRADECIMIENTOS

Debemos agradecimiento al Rdo. P. Lainz, que nos trajo al latín la diagnosis de la nueva subespecie. Al doctor Lauener de Edimburgo, por el préstamo de material de herbario. A G. López, por su inestimable ayuda en la interpretación de los problemas referentes a las especies de Linneo. A F. Muñoz Garmendia, por su ayuda bibliográfica.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHATER, A. O. (1964). *Consolida* (DC.) S. F. Gray. In: T. G. Tutin & al. (Eds.), *Flora Europaea* 1:216-217. Cambridge.
- GOUTINHO, A. X. PEREIRA (1939). *Flora de Portugal (Plantas Vasculares)*, ed. 2. Lisboa.
- FRANCO, J. DO AMARAL (1971). *Nova Flora de Portugal (Lycopodiaceae-Umbelliferae)*, 1. Lisboa.
- GÖTZ, E. (1967). Die *Aconitum variegatum* Gruppe und ihre Bastarde in Europa. *Feddes Repert.* 76(1-2):1-62.
- HESS, H. E., E. LANDOLT & R. HIRZEL (1970). *Flora der Schweiz*, 2. Basel & Stuttgart.
- HUTH, E. (1895). Monographie der Gattung *Delphinium*. *Bot. Jahrb. Syst.* 20:322-499.
- JANCHEN, E. (1965). Nomenklatorische Bemerkungen zur *Flora Europaea* Vol. 1. *Feddes Repert.* 72(1):31-35.
- MAIRE, R. & al. (1964). *Flore de l'Afrique du Nord* 11:56-62. Lechevalier. Paris.
- PAU, C. (1922). *Delphinium mauritanicum* Coss., especie nueva para la flora europea. *Bol. Soc. Esp. Hist. Nat.*, 22:423-425.
- SEITZ, W. (1969). Die Taxonomie der *Aconitum napellus* Gruppe in Europa. *Feddes Repert.* 80(1):1-76.
- SÖÖ, R. (1922). Über die mitteleuropäischen Arten und Formen der Gattung *Consolida* (DC.) S. F. Gray. *Oesterr. Bot. Z.* 71:233-246.
- TAMURA, M. & A. LAUENER (1979). A Synopsis of *Aconitum* subgenus *Lycocotnum*, II. *Notes Roy. Bot. Gard. Edinburgh* 37(3):431-466.
- TUTIN, T. G. (1964). *Aconitum* L. In: T. G. Tutin & al. (Eds.), *Flora Europaea* 1:211-213. Cambridge.
- WARNCKE, K. (1964). *Die europäischen Sippen der Aconitum lycocotnum Gruppe*. Inaugural-Dissertation Fakultät der Ludwig-Maximilians Universität München. 65 pp.
- WILLKOMM, H. M. (1880). *Delphinium* L. sect. *Consolida* DC. In: Willkomm & Lange, *Prodr. Fl. Hisp.* 3:968-970. Stuttgart.
- WILLKOMM, H. M. (1880). *Aconitum* L. In: Willkomm & Lange, *Prodr. Fl. Hisp.* 3:972-974. Stuttgart.

Julián MOLERO & César BLANCHÉ, Departament de Botànica, Facultat de Farmàcia, Universitat de Barcelona, Barcelona.

**HEPATICIA NOBILIS SCHREBER, SPICIL. FL.
LIPS.: 39 (1771)**

Señalemos, por de pronto, que Miller habló de «varieties» —cinco— en su género *Hepatica*, lo que hace imposible reconocerle, como lo hizo en *Flora Europaea* T. G. TUTIN, el binomen de que se trata. La cosa no era novedad. Y ha sido luego sobradamente reconocida. Cf., v. gr., *Ber. Schweiz. Bot. Ges.* 82, 2:181 (1972).

En lo corológico, recordemos lo que PAU dijo en *Brotéria*, sér. bot. 19:50 (1921), ignoramos con qué base y refiriéndose concretamente a quién: «Esta especie se citó de Galicia por haberse confundido con el *Ranunculus Ficaria* L.» (cf. COLMEIRO, *Enumeración y revisión...*, 1:22). Ausente asimismo de Portugal y de las Baleares, la secuencia de provincias en las que se halla —tras las informaciones que hasta el momento hemos podido recabar de unos y de otros— quedaria como sigue: Ab A Al B Bi Bu Cs CR Cu Ge Gr Gu Hu J Le L Lo M Na O P S Sg So SS T Te V Vi Z. Por fin, parece útil señalar como posible la existencia en Av y Mu, por lo menos, de la especie referida.

Manuel LAÍN Z, S. J., Apartado 425. Gijón (Asturias).

**PULSATILLA ALPINA (L.) DELARBRE SUBSP. FONT-QUERI
LAÍNZ & P. MONTS., SUBSP. NOV.**

Planta potius elata, sed gracilior; foliis pluries divisis, divisionibus autem postremis plerumque numerosissimis (c. 1000), aliquatenus elongatis; floribus quidem albis, mediocribus, post anthesim receptaculum fructiferum —carpella 10-80 gerens— unoquoque sat laxe ostendenti. Holotypus: BC 184, Montsec d'Ares (Lleida), Font Quer legit die infra indicato. Subspecies insuper in Pyrenaeis meridionalibus totis, locis calcareis siccis (karsticis quos dicunt), inde a provincia navarrensi usque in barcinonensem diffusa; et etiam, ut videtur, in ibericis montibus, conquensibus atque turolensibus.

Una revisión de los herbarios BC, JACA, MA y MAF nos hace ver sin dilaciones que, por lo menos, hay en la Península cuatro grupos de plantas distinguibles como *P. alpina* subsp. *apniifolia* (Scop.) Nym. —flaviflora, silicícola, de muchos aquenios y muy robusta—, subsp. *cantabrica* Lainz —albiflora, calcícola, de muchos aquenios y muy robusta—, subsp. *alba* (Reichenb.) Domin —albiflora, silicícola, muy reducida en todo su formato y de aquenios también poco numerosos—; más la que hoy nos decidimos a dedicarle al maestro común de ambos, quien ya supo reconocerla como «*Anemone alpina* L. var.? —*Carpella pauca, saepissime* 30-35. Hab.: Montsec, faigedes de la vessant nord, a 1500 m alt. (fruit, 29-VI-16)», *Treb. Mus. Barcelona* 5:198 (1920), y mandó al Real Jardín Botánico un duplicado (MA 39672). Será muy posible que se complique, al considerar toda el área específica, el reconocimiento de subespecies; pero nos parece útil subrayar lo que hay a la vista en España, considerando por añadidura la escasez increíble de materiales peninsulares en que se basaba un trabajo como el de AICHELE & SCHWEGLER (cf. *Feddes Repert.* 60:39, Abb. 21!).

A nuestra subespecie de hoy corresponde sin duda la planta oscense de la que publicó un recuento — $2n=16$ — el amigo KÜFFER (cf. *Boissiera* 23:26, 1974).

También la planta de Córcega se ha descrito no hace mucho como subsp. *cyrnea* Gamisans, *Candollea* 32:58 (1977).

Manuel LAÍNZ, S. J., Apartado 425, Gijón (Asturias) & Pedro MONTSERRAT, Centro Pirenaico de Biología Experimental, Apartado 64, Jaca (Huesca).

PULSATILLA VULGARIS MILLER, ¿PLANTA ESPAÑOLA?

De citas antiguas, hechas en general bajo el nombre linneano sustituido —*Anemone Pulsatilla* L.—, claro es que más vale olvidarse. Recientemente aún, hemos visto etiquetar como *Pulsatilla vulgaris*, por las buenas, plantas referibles a *P. rubra* Lam. sin la menor duda específica. Otro caso es el de la planta de Albarracín a que se referían los Nieschalk en mis aportaciones de 1979 (cf. *Bol. Soc. Brot.*, sér. 2, 53:35-36), tras haberla observado incluso en cultivo. No obstante, los materiales que nos cedieron, secos, parecen referibles a *P. rubra*, de sobra conocida ya de Teruel; tanto por el color de sus piezas periánticas —amorado por dentro, muy netamente— como por el tamaño de las mismas y demás. El carácter nutante de las flores en *rubra* y en su presunta subsp. *hispanica* —véase *Flora Europaea* 1:220, clave, y *Feddes Repert.* 85:311, etc.—, entendemos que fue supervalorado, así como varios otros.

Sometamos hoy a consideración pública, por añadidura, las combinaciones *Anemone pratensis* subsp. *rubra* (Lam.) O. de Bolòs & Vigo y var. *nana* (Aichele & Schwegler) eorum —*Bull. Inst. Catalana Hist. Nat.* 38:65 (1974)—, así como lo dicho por LÖVE & KJELLQVIST, *Lagascalia* 4:17 (1974) —que se inclinan a dar un valor mínimo a *hispanica*— y, por fin, las diversas incongruencias de I. R. EIBOFNER & W. ZIMMERMANN, *Feddes Repert.* 85:285-313 (1974), quienes ahí no publican de manera válida *P. hispanica*, binomen que utilizan como título.

Manuel LAÍNZ, S. J., Apartado 425, Gijón (Asturias).

**¿ALCANZA *PULSATILLA VERNALIS* (L.) MILLER
EL SUR DE LA PENÍNSULA?**

Tal suposición se reflejó todavía en «Flora Europaea» (1:220, 1964), con toda evidencia basada en la cita de LANGE (*Vid. Medd. Dansk naturhist. Foren. Kjöbenhavn*, 1865:54), que reitera nuestro manido «Prodromus». Ahora bien, hecha la oportuna pregunta, resulta que no hay material de respaldo en Copenhague (*ita* Hansen, *die* 24-XI-1983, *in litteris ad* Castroviejo), en tanto que O. Socorro y Concepción Morales nos aseguran desde Granada que allí, en la Sierra de Alfácar, lo que Lange vería mediada la primavera de 1852 —¡ha llovido!— es *Adonis vernalis* L. Su «quid pro quo», a estas alturas, resulta evidente: nadie ha visto *Pulsatilla* ninguna en todo el sur de la Península; donde, por otra parte, hay montañas en las que su presencia se diría menos inverosímil que —segundo argumento— en la humilde Sierra de Alfácar.

Un argumento en contra —ciertamente, no hace mucha fuerza— es que a renglón seguido cita el «Pugillus», también de la sierra de Alfácar, *A. vernalis* L.: se ve que Lange duplicó el epíteto, de memoria, en lo que pudo influir el hecho de que *P. vernalis* (L.) Miller, planta danesa, no tenía para él relieve mayor.

Manuel LAÍNIZ, S. J., Apartado 425, Gijón (Asturias).

**VALIDATION OF *RANUNCULUS PELTATUS* SUBSP. *PELTATUS*
VAR. *MICROCARPUS* MEIKLE**

R. peltatus subsp. **peltatus** var. **microcarpus** Meikle ex C. D. K. Cook

= *R. peltatus* subsp. *peltatus* var. *microcarpus* Meikle in Notes Royal Bot. Gard. Edinburgh 33:15 (1959), nom. inval. e typo non designato.

Type: Cyprus, Agios Antonios, Sotira, 400 ft., in pool on limestone rocks, 29. Feb. 1982, Merton 624 (holotype: K).

Christopher D. K. COOK, Botanischer Garten und Institut für Systematische Botanik der Universität Zürich, Zollikerstrasse 107, CH-8008, Zürich.

NOVEDADES EN EL GÉNERO *THALICTRUM* L.

Al redactar los *Thalictrum* peninsulares para *Flora Iberica*, me veo en la necesidad de publicar algunas combinaciones y novedades.

Th. foetidum L. var. **nevadense** Font Quer (ined.) ex P. Monts., var. nov.

A *Th. foetido* typico satis differt cum tota planta sit magis glandulosa, pilis glanduliferis magnis et densioribus; foliis rigidioribus segmentibusque latioribus, acutis; antheris magnis, c. 3,5 mm longis, mucrone crassiore, c. 0,3 mm, leviter curvato. Holotypus: Sierra Nevada, supra Alquife, in schistosis, 1800 m, leg. Gros, 11-VII-1923 (BC 558). Isotypi: BC 63096 et MA 41902. Tiene, típicamente, antera grande, 3-3,8 mm, y mucrón terminal del mismo grueso, algo curvado y de 0,3 mm o muy poco más. Se observan todos los intermedios hacia la subsp. *valentinum*, de hoja con segmentos más pequeños, blandos, glaucos y de olor a ruda.

Gran parte de las plantas pubescentes peninsulares, en especial de Sierra Nevada —montes béticos, por su glandulosidad extraordinaria y las hojas grandes agrupadas

bajo la mitad del tallo, deben ser consideradas como formando parte de *Th. foetidum*, especie linneana de amplia dispersión en el Mediterráneo occidental.

Th. flavum L. var. **euskarum** Elias et Pau (ined.) ex P. Monts., var. nov.

A *Th. flavo* typico differt cum sit planta valde rhizomatosa, stolonibus subterraneis tenuioribus et valde intricatis, foliis minutissime piloso-glandulosis in pagina inferiore, panicula laxiore et carpellis subglobosis. Holotypus: Nanclores de Oca, pr. flumen Zadorra (Vi), in hb. Pau (MA 41866).

Frecuente en el valle del Zadorra, entre Zurbano y Miranda de Ebro. Alcanza por lo menos Soncillo (Bu), MAF 47946, y Berdún (Hu), JACA 283283.

Es planta de los carrizales muy húmedos con nivel freático constantemente elevado, florece en julio y fructifica ya en septiembre. Presenta unas estipulillas cortas, de 2 mm, en el raquis foliar; pero son muy caedizas. Su glandulosidad debe observarse con gran aumento.

Th. speciosissimum L. subsp. **albini** (Pau) P. Monts., comb. & stat. nov.

Basión: *Th. albini* Pau in Mem. Mus. Ci. Nat. Catalunya, Ser. Bot. 1(1):17 Lám. I (1922). Lectotypus: Canillas de Albaida (MA), leg. Estremera, 30-VII-1919 (MA 41945).

Planta muy bien caracterizada entre las poblaciones glandulosas de Andalucía. Se distingue por su inflorescencia menos densa, anteras pequeñas (1,5-2 mm) y de mucrón grueso, corto (0,2 mm). Destaca su glandulosidad foliar y la práctica glabricie de la inflorescencia. Es propia de las estribaciones meridionales de Sierra Almijara (Ma). Hay un sintipo, BC 486, y varios ejemplares recolectados por Gros en su localidad «Barranco de las presas, ad rivulos», 6-VII-1926 (BC 108302, SALA 21374).

Th. maritimum Léon Dufour. Planta mal conocida, de la Albufera valenciana y marismas litorales, hasta Castellón por lo menos. Se ha confundido con *Th. morisonii* C. C. Gmel., pero es netamente distinta.

Ya se conocía bien a principios del siglo pasado en el Saler y otras partes de la Albufera en Valencia. Aun así, parece posible su introducción en siglos pasados, seguida de una naturalización perfecta junto a los arrozales, tan antiguos. Según C. Pau (in schedis) es el *Th. lucidum* L. (*Sp. Pl.*: 546, 1763) indicado en España.

Pedro MONTSERRAT, Apartado 64, Jaca (Huesca).

NOVELTIES ON FUMARIOIDEAE

The following new names and taxa will appear in the treatment of *Fumarioideae* for *Flora Iberica*. They are hereby validated.

Sarcocapnos baetica (Boiss. & Reuter) Nyman subsp. **integrifolia** (Boiss.) Lidén, stat. nov.

Basion: *Aplectocapnos integrifolius* Boiss., Diagn. Pl. Or. 3(1):13 (1853).

Ceratocapnos claviculata (L.) Lidén, comb. nov.

Basion: *Fumaria claviculata* L., Sp. Pl.: 701 (1753).

Ceratocapnos claviculata subsp. **picta** (Sampaio) Lidén, comb. nov.

Basion: *Corydalis claviculata* (L.) DC var. *picta* Sampaio, Bol. Soc. Brot., sér. 2, 10:222 (1935).

Platycapnos tenuiloba Pomel subsp. **parallela** Lidén, **subsp. nov.**

Foliolis parallelis et fructibus alveolatis a subsp. tenuiloba differt.

Typus: *Talavera & Valdés* n.º 705, prov. Málaga, entre Ardales y el Burgo, Sierra de Alcaparain, Cerro el Gallino, «Suelos ácidos, cuarcitas-roquedos», 900-930 m, 17/4 1973 (SEV *holotypus*; GB, branch of the holotype).

Leaflets parallel; racemes usually shorter than in subsp. *tenuiloba*; fruit with distinct margin, alveolate on face; stigma-appendage less geniculate at apex.

Very rare and only known from five collections (four localities). Each time only a single specimen was found, in three cases accompanied by *Fumaria petteri* subsp. *calcarata*, which also occurred as single specimens.

Scree of dolomitic limestone in the province of Málaga, 500-1000 m: Sierra de Mijas (*Holmdahl* 1475, *Lidén* 4207); Ventas de Anoreta, Serranía de Ronda, harder and less crystalline limestone, (*Lidén* 4273) both GB; Sierra Almjara NE Cómputa, *Holmdahl* photograph.

Fumaria petteri Reichenb. subsp. **calcarata** (Cadevall) Lidén & Soler, **comb. & stat. nov.**

Basion.: *Fumaria calcarata* Cadevall, Mem. Real Acad. Ci. Barcelona, 3.ª ép., 5(12):186 (1905).

Fumaria pugsleyana (Pugsley) Lidén, **stat. nov.**

Basion.: *Fumaria schrammii* (Asch.) Velen. var. *pugsleyana* Maire ex Pugsley, J. Linn. Soc., Bot. 47:451 (1927).

Magnus LIDÉN, Göteborgs Universitat, Department of Systematic Botany, Carl Skottsbergs Gata 22, S-413 19 Göteborg, Suecia.